

# Organização da Instrução (1)

## Nos Corpos de Infantaria

(De um livro inédito)

Pelo Ten.-Cel. T. A. ARARIPE

### I — INTRODUÇÃO

#### 1 — FIM

O nosso objetivo no presente trabalho é de aplicar e esmiuçar no âmbito da **Unidade de Instrução da Infantaria** — o R.I. (ou o B. C., como caso particular), — as prescrições do Título II, Introdução, 1.<sup>a</sup> Parte do R. E. C. I., que devemos dizer desde já, condensa um verdadeiro tratado de **Pedagogia Militar** e do atual R. I. Q. T.

#### 2 — IMPORTÂNCIA RELATIVA DA QUÁDRUPLA ATIVIDADE DO CHEFE MILITAR.

O Chefe — oficial ou graduado — é, todos o sabemos, aquele que comanda.

#### Que é comandar ?

O R.E.C.I., 2.<sup>a</sup> Parte, 96 e o R. S. C. 105 limitam-se a definir esse termo, que consubstancia tôda a atividade do chefe militar, apenas no grave cenário da campanha e do combate.

(1) Seria mais acertado se dissessemos a **Educação** porque o que se deseja é fazer a Educação no seu sentido integral, físico, moral, intelectual e profissional.

## II — CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A EDUCAÇÃO E A INSTRUÇÃO DA INFANTARIA

### 4 — COMPLEXIDADE DA INSTRUÇÃO DA INFANTARIA

“A infantaria entrou em campanha em 1914 armada unicamente com fuzis ordinários e algumas metralhadoras. Após mais de quatro anos de guerra, durante os quais muitos aperfeiçoamentos foram introduzidos no seu armamento, ela encontrou-se, ao terminar as hostilidades, dotada de número sensivelmente reduzido de fuzis ordinários, mas, em compensação, possuindo numerosas metralhadoras, fuzis metralhadores, granadas e petrechos de acompanhamento. Disponha ainda de variados meios de sinalização e de transmissão, máscara contra gases e ferramenta de terraplenagem e de destruição.

Além disso, tivera que combater em íntima ligação não só com a artilharia de campanha, mas também com uma artilharia variada e numerosa, com a aviação, com os carros de combate, etc.

Para conhecer o material que terá de empregar, **a infantaria tem hoje necessidade de um treinamento técnico mais complicado** do que outrora, quando possuía apenas o fuzil ordinário; e para empregá-lo vantajosamente no terreno, **uma instrução tática mais desenvolvida.**

Em outros termos, a instrução dos quadros da infantaria adquiriu importância de dia a dia mais acentuada e a instrução de seus quadros de oficiais exige preciso conhecimento das outras armas, sem o qual êsse corpo de oficiais poderá levar a tropa ao desastre” (Marechal Foch).

E' útil lembrarmos essa opinião para corrigir a idéia corrente mas errônea que outorga às outras armas maior complexidade técnica. Já se foi o tempo em que a artilharia e a engenharia gosavam o privilégio de armas científicas, dos doutores e em que a infantaria e a cavalaria eram banais, dos “tarimbeiros”. Hoje, pensando bem, os papeis estão quasi que invertidos. Se as duas primeiras armas não perderam de importância e ao contrário, aumentaram-na, graças ao

O preparo do oficial para o emprêgo da tropa na campanha absorve a mór parte do tempo de trabalho. Apenas pequena parcela dêsse tempo é destinada ao preparo do instrutor. Nada ou quasi nada se faz quanto ao preparo do educador e do administrador.

Se na escola de formação — a Escola Militar — as necessidades do ensino teórico e o ambiente não permitem que se dê desenvolvimento à formação do oficial como educador, instrutor e administrador, torna-se necessário constituir fora daquela, um meio capaz de aperfeiçoar o educador e o instrutor e mesmo o administrador. Esse meio deve ter as características de um corpo de tropa, de modo que o oficial receba orientação em ambiente semelhante ao da tropa. Daí a idéia das Escolas das diferentes armas — verdadeiras Unidades Escolas — com o ambiente propício aos cursos de aperfeiçoamento e de aplicação.

3 — Eis o nosso objetivo — auxiliar-vos na vossa formação e aperfeiçoamento como instrutores (aí englobamos a tarefa do educador).

E o R. E. C. I., 1.<sup>a</sup> Parte, Introdução, dogmatiza no n.º 79:

**Instruir** (diria melhor, **educar**) (2) é a **função essencial dos quadros nos corpos de tropa em tempo de paz** (o seu principal dever), o que é reforçado pelo n.º 2 do atual R. I. Q. T..

Mas não esqueçamos de que para instruir é preciso **saber**, saber bem o que se vai ensinar; é preciso **saber** empregar a tropa. E' mais uma razão para a proeminência do ensino do emprêgo da tropa sôbre as outras finalidades.

Contudó, para educar e instruir bem, não é apenas suficiente saber o que se vai ensinar. E' indispensável saber educar e instruir, conhecer e aplicar uma boa dose de princípios pedagógicos, de regras e processos de aprendizagem, que garantam um rendimento econômico e seguro.

---

(2) Consideramos a Educação o todo, o objetivo, e a Instrução um meio apenas.

formidável desenvolvimento de sua técnica, a infantaria e a cavalaria viram-se forçadas a lançar mão de apurado engenho, no manuseio de material delicado, variado e complexo e em que, além da habilidade manual e se sobrepondo a ela, primam o raciocínio, as qualidades intelectuais e as forças morais. (3)

## 5 — GRANDES LINHAS DO PROBLEMA

Nas palavras acima transcritas, acham-se nitidamente indicadas e justificadas a **orientação** que deve ser dada à instrução da infantaria e **as grandes linhas** segundo as quais deve esta ser conduzida.

Então, em primeiro plano,

**uma instrução dos quadros — fundamental** — que engloba não só o conhecimento da infantaria mas ainda o das outras armas;

e ao lado desta,

**uma instrução da tropa**, bastante pormenorizada.

**Trata-se de:** — ministrar aos quadros uma **educação moral** elevada, uma **educação física** sadia, uma **instrução técnica** sólida e sobre estas apoiar uma **instrução tática** desenvolvida;

— proceder do mesmo modo e guardadas as devidas proporções, para a instrução da tropa.

## 6 — IMPORTÂNCIA ATUAL DA INSTRUÇÃO TÉCNICA

A grande lição da guerra 1914-1918 é a da preponderância do fogo. Ela domina toda a tática da infantaria e deve, portanto, exercer influência capital sobre a sua instrução.

São dogmas: “O ataque é o fogo que avança; a defesa o fogo que detem; a manobra o fogo que se desloca” (Marechal Petain).

---

(3) A técnica do tiro da Metralhadora, do tiro curvo dos morteiros, do tiro anti-carro, dos carros, etc., aproximam a instrução técnica da Infantaria da de Artilharia, com suas tabelas, cálculos, etc.

“A infantaria moderna progride no ataque, precedida e flanqueada por projétis de todos os calibres”. (General Debeney).

Semelhante concepção da tática obriga a quem quer que tenha o encargo de conduzir no campo de batalha uma fração de infantaria, mesmo de efetivo mínimo, possuir conhecimento técnico profundo do material usado, para poder apreciar convenientemente as possibilidades de emprêgo, o rendimento dêsse material e combinar judiciosamente os meios de fogo de que se dispõe.

Se quizermos dominar o fogo inimigo, é preciso que tôdas as armas saibam pôr em ação, no momento e lugares mais convenientes, máquinas de fogo, de dia a dia mais numerosas e mais complexas. Daí, a necessidade para os quadros de tôdas as armas em adquirir desde o tempo de paz, **conhecimentos táticos, técnicos** e mesmo **científicos**, cada vez, mais desenvolvidos.

## 7 — RELAÇÕES ENTRE A INSTRUÇÃO TÉCNICA E A TÁTICA.

Dêsse modo, observa-se que a instrução tática dos quadros e a instrução técnica aparecem intimamente ligadas e, pode-se dizer que **a boa orientação da primeira depende da solidez da segunda.**

Uma deficiente instrução técnica faz com que se empregue impròpriamente o armamento da infantaria ou se peçam às outras armas auxílios despropositados. E isso acontece porque, em regra, se desconhecem os métodos de tiro, o grau de precisão, as tabelas dêsse tiro, a adaptação das trajetórias e dos projétis ao terreno, o tempo necessário para desencadear o tiro, as condições de remuniamento, etc..

O mesmo dá-se com a tropa, naturalmente em plano diferente. Não basta que esta saiba manejar perfeitamente o seu armamento; é preciso que conheça os seus efeitos (razância, precisão, densidade do tiro, meios de adaptar a trajetória ao terreno, etc.) para obter dêle maior rendimento.

E' preciso não esquecer que o desprezo pela instrução

técnica arrastará o abandono do princípio da superioridade do fogo no combate, abandono que pode dar lugar à consequências desastrosas.

Para bem acentuar a relação que deve existir entre a instrução técnica e a instrução tática, aconselhamos na execução da instrução a seguinte seriação:

- exercícios de técnica pròpriamente dita — praticada em ambiente desprovido de quaisquer circunstâncias perturbadoras;
- exercícios de maneabilidade ou exercícios preparatórios para o combate — isto é, a instrução técnica aplicada num ambiente de circunstâncias variadas mas simples (terreno, direção do inimigo, imposições da ordem, rapidez e sobretudo da coesão);
- exercícios táticos — isto é, a instrução técnica e exercícios de maneabilidade, praticados em ambiente de circunstâncias variadas e perturbadoras (terreno, inimigo em tôdas as suas reações, emoções morais, etc.).

Semelhante concepção dos **exercícios táticos**, como aplicação dos exercícios técnicos, é de capital importância para o objetivo colimado na instrução dos quadros e da tropa.

## 8 — IMPORTANCIA DA EDUCAÇÃO MORAL

As necessidades do emprêgo técnico e tático da infantaria levam-nos naturalmente para a noção do trabalho coletivo e por conseguinte para a necessidade da **coesão**, indispensável à obra comum.

Não basta que os homens estejam imbuidos do espirito de disciplina, de iniciativa, de solidariedade e de camaradagem no combate, nem tão pouco, que possuam em alto gráu os sentimentos patrióticos e as qualidades de bravura, espirito de sacrifício e devotamento que daí decorrem. A forma do combate moderno exige, como consequência natural dos processos táticos e técnicos, um sentimento de **coesão** por demais desenvolvido.

Outrora, quando se combatia em massa, cotovêlo contra cotovêlo, a fileira constituia o laço natural para manter a coesão, aliás auxiliada pela uniformidade de tarefas dos combatentes. Hoje, não existe mais a fileira e, em seu lugar, como regra, há a dispersão em largura e profundidade. Por outro lado, os comandantes de elementos não procedem como outrora procediam os comandantes de pelotões, por comandos breves e uniformes. Aos detentores de armas diversas são forçados a dar indicações apenas e deixar que cada um atue por si mesmo, no sentido da indicação recebida e da tarefa que lhe incumbe dentro do elemento a que pertence.

Só o sentimento da coesão, resultante de segura educação, será capaz de impedir que semelhante sistema degenerem em desordem.

E se esse sentimento de coesão é indispensável aos homens do grupo de combate, também o é aos comandantes de pequenas frações em suas mútuas relações, pois que, separados uns dos outros por intervalos relativamente grandes, devem sempre se apoiar mutuamente e serem solidários entre si. E' verdade que há escalões de comando com a incumbência de coordenar os atos dessas frações, mas é preciso lembrar-se de que essa intervenção corre muitas vezes risco de ser ineficaz ou tardia.

A experiência prova que só, graças à iniciativa dos executantes é que se pode garantir a continuidade do esforço e evitar perda de tempo que corresponderia à perda de sangue.

A par disso, cumpre observar que o desenvolvimento da iniciativa, da solidariedade, da camaradagem de combate e da coesão das pequenas frações muito contribue para cultivar o espírito ofensivo.

Deve-se mesmo frisar que até nos menores escalões de comando esses sentimentos extravasam do âmbito da infantaria para o das outras armas e principalmente da artilharia.

Uma instrução de quadros que só considerasse a infantaria isolada no campo de batalha seria falsa e perigosa.

## SEÇÃO DE INFORMAÇÕES

A DEFESA NACIONAL mantém uma seção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

- a) Fornecer-lhes tôdas as informações solicitadas sôbre interêsses pessoais ou militares.
- b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

## 9 — IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Não resta a menor dúvida que de todos os meios usados na guerra, o de maior valor é o homem. Este é, com efeito, o agente necessário ao emprêgo de qualquer máquina de guerra e é, por si mesmo, uma máquina cujo funcionamento, conservação, possibilidades e emprêgo são sujeitos à regras que devem ser conhecidas e observadas. E' preciso conservar, desenvolver e explorar, tanto as qualidades físicas do homem, como as de ordem psicológicas; é preciso ter o homem fisicamente são, robusto, resistente à fadiga, destro, e desembaraçado, mas também moralmente forte, voluntarioso, que tenha amor ao risco e despreze o perigo.

Dêsse modo, a **Educação física** prende-se, de um lado, à **Instrução técnica** e, doutro lado, à **Educação Moral**.

## 10 — IMPÕE-SE UMA ORGANIZAÇÃO METÓDICA DO TRABALHO

A complexidade da instrução é agravada por várias circunstâncias que criam dificuldades de monta: irregularidade de incorporação, má qualidade do incorporado, deficiência do pessoal instrutor, ausência dos meios materiais, etc.

Essas dificuldades, que são também fundamentais na concepção da instrução, complicam ainda mais o problema, porém não desaconselham a solução indispensável. Ao contrário, elas são um estímulo para **que se organize metódicamente o trabalho e se alcance o resultado colimado a despeito dessas mesmas dificuldades, a despeito desse "inimigo"**.

Para isso é preciso que haja sempre em cada escalão, um chefe esclarecido, sabendo exatamente o que quer, atuando segundo um **plano** longamente amadurecido e claramente estabelecido e dispondo de subordinados pelos quais repartirá o trabalho e sôbre os quais exercerá constante direção e fiscalização; e, além do chefe, haja executantes no uso de métodos consagrados e apropriados aos resultados que se desejam.

## DOCUMENTO N. 4

INCIDENTES	PAPEL DO TENENTE	PAPEL DO CMT. DO G. C.	PAPEL DOS CABOS	SINAIS A EMPREGAR PELA DIREÇÃO
<p>Os dois G. C. em 1.º escalão recebem tiros vindos das resistências 02. 03. e são detidos.</p>	<p>I — O pel. já estava em "posição", os cabos volteadores reunidos no Pel., bem como os granadeiros e um remuniador por G.C.</p> <p>O cabo obs. junto ao Cmt. de pel. e os demais à retaguarda.</p> <p>— O cmt. do Pel. dirige o fogo dando as seguintes ordens verbais aos 1.º e 2.º G. C.:</p> <p>— Alças .....</p> <p>— Objetivo de cada G. C.....</p> <p>— Consumo de munição ..... carregadores por minuto.</p> <p>II — Como as resistências não cedem o Cmt. do Pel. decide impulsionar o 3.º G. C. para isso faz o gesto: "ALTO! que significa — Suspende fogo!"</p>	<p>Os G. C. já se encontram em posição.</p> <p>Os sgts. conduzem o fogo.</p> <p>— Tiro contínuo..... rajadas por minuto.</p> <p>— Alça .....</p> <p>— Sobre tal resistência localizada em .....</p> <p>— FOGO!</p> <p>— Suspende fogo!</p> <p>— Cessar fogo!</p> <p>Os cmts. de G.C. repetem o gesto.</p>	<p>— O cabo fuzileiro ocupa em regra o mesmo abrigo que o fuzileiro e o 1.º municia-dor.</p> <p>— Os cabos volteadores destacados junto ao Pel. para comandarem: a esquadra de remuniciamento, os observadores e o grupamento eventual de granadeiros.</p> <p>Ao receberem a ordem os cabos comandam:</p> <p>— Tiro contínuo! (.....)</p> <p>— Fogo a vontade! (..... volt)</p> <p>— Alça.....</p> <p>— Sobre tal objetivo.</p> <p>— Fogo.</p> <p>— Suspende fogo!</p> <p>— Cessar fogo!</p> <p>Comandam: Suspende fogo! O atirador recarrega a arma e fica pronto para atirar</p>	<p>"Três toques longos de corneta — Carregar as armas.</p> <p>III.º Btl. Cessar fogo — Cessar fogo.</p>